

Recensão do livro “Lufa-Lufa Quotidiana, Ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana¹”

Alda Teixeira Gonçalves², Instituto de Segurança Social, I.P., Portugal

A arte de deambular pelo quotidiano

A arte de deambular pelo quotidiano é o que José Machado Pais faz de forma muito interessante num dos seus livros mais recentes, justamente designado *Lufa-Lufa Quotidiana*. A perspectiva ensaística transporta, desde logo, o leitor para formas mais pessoais de exposição das suas ideias, argumentos e perspectivas de abordagem das temáticas sociológicas preferenciais.

Esta arte revela-se como fazendo parte do ofício do sociólogo, contextualizando-se no território, numa espécie de elogio interpretativo do urbano, cidadão, metropolitano, palco múltiplo de vivências e incursões investigativas do autor, pois “tempo e espaço interpenetram-se numa relação cronotópica de mútua dependência. As durações do tempo, sempre foram aferidas por «medidas de época» em diferentes latitudes geográficas.” (Pais, 2010: 14)

Desde as *Artes de amar da burguesia do séc. XIX* (1986), até este *Lufa-Lufa Quotidiano* (2010), é de cidades que nos fala (em duplo sentido: as que se nomeiam como lugares geográficos e as diversas cidades que cada uma contém em si), traduzindo respirações, odores, movimentos e grupos sociais, políticas, musicalidades e até excepcionalidades, marginalidades, segregações, envolvendo uma série de elementos de vivências sociais, entrecruzados com vivências individuais.

Há diversos níveis de realidade nestes ensaios que, claramente, se complementam, por vezes sugeridos, outras vezes convocados e outras ainda desvendados, sendo também várias as camadas de texto que se insinuam em cada um, o que torna a sua legibilidade e interpretação, por vezes, tão complexas como a própria realidade social.

Para José Machado Pais (JMP), estas deambulações são obra do “quotidiano”, entendido como instrumento metodológico do conhecimento sociológico. De resto, as ressonâncias textuais, mais inovadoras, assentam num sólido instrumental teórico e numa postura metodológica assumidamente qualitativa. O autor defende, justamente, que “a sociologia deve explorar os rumores do quotidiano”, aproximando-se “de uma antropologia visual”. (Pais, 2010: 34)

Também os leitores podem deambular ao acaso por este livro, que não perderá as ressonâncias do quotidiano, aquelas que convidam a reflectir sobre uma série de mudanças societais, nem, tão pouco, as tonalidades urbanas ou cosmopolitas.

Cedendo à tentação de começar pelo início, desde logo a atenção do(a) leitor(a) se prende nas “dolências e indolências da vida urbana” e nas mudanças de paradigma que se vêm observando (da lentidão ao encontrão, isto é, da tradição à modernidade); em “um dia sou turista na minha própria cidade”, desvenda várias faces e legibilidades possíveis da cidade, evocando desde possibilidades criativas e evasivas, a constrangimentos, desvendando até um pouco do mundo cifrado das siglas que inundam o quotidiano (especialmente na área da

¹ Pais, José Machado (2010), *Lufa-Lufa Quotidiana, Ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana*. Lisboa: Col. Breve, Sociologia, ICS.

² alda.m.goncalves@seg-social.pt; ampt.goncalves@gmail.com.

cultura); passa à apresentação da sociedade actual como uma sociedade reflexiva, mas dilemática, isto é, JMP deambula, de forma muito pessoal, por “dilemas do quotidiano: subjectividades negociadas”, questionando as tensões entre socialização e individualização em íntima relação com diferentes formas de reflexividade; seguem-se considerações sobre “cidade, cidadania e participação”, para discutir temas e problemas relacionados com “manifestações da cultura juvenil, discute-se o significado sociológico de uma cidadania fluida e empática, feita de trajectividades, onde o desejo de participação, protagonismo e evasão pode aparecer associado a formas latentes de alienação ou emancipação” (Pais, 2010: 19), aqui os trajectos juvenis urbanos efectuam-se genericamente em função das apropriações dos espaços públicos, reivindicando autonomias e formas de evasão (umas marginais como as drogas, outras em torno da TV e da Internet); para logo se debruçar sobre “artes de musicar: a libertação pela arte”, isto é, sobre o fado e o samba como manifestações simbólicas e culturais urbanas, passando, de seguida, para um estudo de caso sobre afro-descendentes, sua relação com a música e a dança e equacionar a importância do papel da educação no reconhecimento das designadas culturas populares; por fim, uma referência a “estudos culturais e fontes documentais”, afirmando que estes “não podem passar ao lado das atitudes de época, sendo à luz destas que se devem explorar as constelações associativas de estilos” (Pais, 2010: 20), interpretando cada vez mais a experiência do que se vê no quotidiano, porque é aí que as próprias mudanças sociais são observáveis.

O estilo, singular e reconhecível, permite evidenciar propostas de sentidos vários, que ligam uma diversidade de “fios temáticos”, como diria Roland Barthes (2007: 111). Pode dizer-se que estilo e linguagem, intrínsecos aos conteúdos divulgados, se constituem então como uma marca reconhecível, associada à sua própria assinatura. Observa-se ainda que os textos dialogam, quer internamente, no livro, quer com outros fora dele.

Em torno das identidades

José Machado Pais interpreta alguns fenómenos sociais quotidianos e cívicos, explicitando as múltiplas e complexas modulações que as “identidades” aí podem tomar. Ou seja, um dos conceitos aglutinadores destes textos é precisamente o de identidades.

Os modos de vida urbanos substituíram nervosamente a “lentidão” pelo “encontrão”, marcando a passagem das sociedades arcaicas para as sociedades modernas. A dimensão temporal assume-se como uma das grandes responsáveis. Ora, as identidades – sejam individuais, colectivas ou territoriais – parecem construir-se (e reconstruir-se) através de opostos: como o antigo e o novo; o eterno e o episódico, o sagrado e o profano, o homogéneo e o heterogéneo... E através de rupturas ou conflitos entre valores económicos, religiosos, políticos, estéticos, eróticos, culturais... por vezes latentes, por vezes expressos.

Traços de identidade podem encontrar-se nos objectos quotidianos mais triviais. Refira-se o exemplo de um dos ensaios, no qual o autor efectuou uma análise de conteúdo de algumas mensagens inscritas em pacotes de açúcar, que considerou como “metáforas da vida urbana” (Pais, 2010: 78), concluindo que apontam para um modelo cultural de evasão, porque a realidade se mostra demasiado pesada ou constrangedora. Também a publicidade é cada vez mais exemplo de tal modelo de evasão, apelando a um imaginário de consumo. “Daí a ideia de um dia se ser turista na própria cidade: para se descobrir uma cidade oculta, engolida por imagens publicitárias, vestimenta das «cidades globais».” (Pais, 2010: 81)

Um dos curiosos exemplos citados é o de um aluno que, no percurso entre o ISCTE e a sua casa (percurso feito a pé, em cerca de 20 minutos), contabilizou a existência de 158 anúncios publicitários invadindo o espaço público, o que dá cerca de 8 anúncios por minuto.

É ainda de traços identitários que trata quando, por exemplo, em determinada situação refere “a qualidade da minha intervenção ressent-se dessa falta de tempo (...). Começamos a sessão depois da hora marcada e continuarão a pingar colegas na sala. Porquê?” Observação suficiente para que avance com uma hipótese

sociológica que considera as “possibilidades de os arranjos ou desarranjos do tempo habitarem os nossos hábitos culturais. Será que a falta de tempo é um traço da cultura urbana?” (Pais, 2010: 72)

Ou ainda quando afirma “eu posso alimentar a ilusão – hipótese meramente exemplificativa – de ser um amante excepcional e de apenas me deixar apaixonar por mulheres verdadeiramente excepcionais.” (Pais, 2010: 105) Mesmo que o objectivo seja o de dar conta da relevância das regularidades sociais, isto é, “lá vêm as sondagens sociológicas mostrar-me que o atributo de «amante excepcional» é compartilhado por 80% dos meus compatriotas com o mesmo nível de habilitações literárias, (...) rendimentos, (...) electrodomésticos, ou a mesma cilindrada de automóvel (...)” (Pais, 2010: 105)

Ao reflectir sobre os “dilemas do quotidiano”, no seu terceiro ensaio, JMP afirma que a sociedade actual não é apenas uma “sociedade de risco”, mas também uma “sociedade dilemática” e apressa-se a discutir a questão a partir do seu dilema tão banal quanto, provavelmente, recorrente: escolher levar ou não gravata na altura de participar em mais um dos Congressos de Sociologia (neste caso em Braga) e, se sim, que gravata escolher, optando (ainda em casa) por levar duas, “a das bolinhas e a azul das riscas” (Pais, 2010: 99) – não se subestime o facto de se tratar de um exercício de “reflexividade estética” a favor da expressão identitária e da necessidade de resposta à expectativa dos outros.

Prosseguindo a leitura, há indícios de que as condições para uma sociedade assente na “reflexividade transformadora” (Pais, 2010: 99-100) de que fala continuam objectivamente desiguais no que às questões de género diz respeito. De facto, os contextos e os atributos sociais, assentes em valores, continuam a impor os seus limites.

O autor prossegue propondo-se ainda analisar o “«correio sentimental» de algumas revistas «cor-de-rosa» - revistas que algumas mulheres compram e muitos homens fingem não ler (...)” (Pais, 2010: 107), intercalando descrições de mensagens com as conclusões às quais vai chegando, como sejam a revelação de “tensão entre o desejo de experimentação e as ameaças de rejeição” (Pais 2010: 107), ou a constatação, em alguns escritos, de indícios de vergonha assentes numa ideia de “privatização da sexualidade”, por sua vez, ligada a uma “consciência moral”, muito característica das sociedades tradicionais. A sua apreciação baseia-se em mensagens como a que se segue:

“Acho o comportamento de meu marido estranho. Durante o sexo, ele quer que eu grite. [...] Sinto vergonha dos vizinhos. (Maria, 21 a 27 de Novembro de 2003).” (Pais, 2010: 109) Embora neste ponto o autor constate uma contradição: a da enunciação de vergonha e simultaneamente a sua exposição pública.

Face a tal objecto de estudo, contudo, teria sido interessante perceber o perfil de mulheres que assim se expõem e as razões (por hipótese comerciais) pelas quais estas revistas mantêm este tipo de rúbricas e/ ou o perfil de quem nelas trabalha.

Refira-se ainda que, de forma eventualmente não deliberada, o autor acaba por realçar fragilidades ou vulnerabilidades que reproduzem determinadas imagens e estereótipos femininos, sublinhando traços de “dominação masculina” (na acepção de Bourdieu), que se podem constituir como efeitos perversos desta “modernidade reflexiva”, quotidianamente enredados numa “lufa-lufa quotidiana”.

Mas, como se observa no quarto ensaio, a cidadania e a participação são também dimensões de construção identitária, discutidas a partir de uma focalização nos jovens. O que se encontra em questão são as suas interpretações face à realidade social e política, inscritas num reclamado “direito à diferença”. Importa perceber que, para o autor, “falar de cidadania implica falar (...) de identidades individuais (de uma pessoa, de uma voz, de uma posição, de uma subjectividade) e de identidades grupais («nós», que nos assemelhamos, em relação a «outros» que de nós se diferenciam)” (Pais, 2010: 124). O ensaio promove ainda uma interessante discussão ao referir que “a cidadania tem sido tradicionalmente pensada em forma de quadratura. Ela tem-se definido, em cada época, pelos limites que se impõe a si mesma. Daí os conceitos decorrentes de inclusão (dentro da quadratura) e de exclusão (fora da quadratura).” Para afirmar a relevância de ler a cidadania a partir das suas margens, numa lógica ou jogo de abertura. As variantes linguísticas assumem então um papel preponderante. Assim o sublinha o autor, “a gíria dos jovens é disso prova quando contrapõem o «cara legal» ao «coroa» ou

«carenta». A ironia é muitas vezes usada para criar distâncias por parte de quem se sente olhado à distância.” (Pais, 2010: 127)

Quanto à noção de cidadania participada, vale a pena ler a proposta do autor que, através da sua análise, permite destacar a ideia de uma “reconquista do sentido da cidade”, questionando intervenções políticas destinadas à juventude, para terminar com uma noção de cidadania, porventura difícil de concretizar, que seja capaz de integrar simultaneamente valores universais e cosmopolitas e o respeito pelas diferenças.

O quinto ensaio assume um pouco contornos de estudo de caso, assente “numa problematização diferente, ao explorar as bases de sustentabilidade do valor patrimonial das chamadas culturas de margem, tomando por referente empírico as artes de musicar e de improvisar.” (Pais, 2010: 146) Já que referentes identitários quotidianos passam e/ou revelam-se também nestes meandros.

Por fim, é ainda uma outra forma de “valor patrimonial” (uma crescente diversidade de fontes e recursos de informação) e de “reflexividade transformadora” que se encontram em jogo no último ensaio, onde estudos culturais e fontes documentais se cruzam para dar conta de determinados traços essenciais às mudanças societais. “O que se reivindica é uma mudança de atitude que tome por desafio a interpretação do social a partir de imagens que actuam como veação e revelação desse mesmo social. (...) Imagens de que se alimentam os imaginários sociais” (Pais, 2010: 199). Eis uma espécie de remate dos fios temáticos dos diversos ensaios que compõem este livro.

BIBLIOGRAFIA

Barthes, R. (2007), *Crítica e Verdade*, Lisboa: Edições 70.

Pais, J.M. (1993), “Nas rotas do quotidiano”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 37, Junho, pp. 105-115.

Pais, J.M. (2010), *Lufa-Lufa Quotidiana, Ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, Coleção Breve, Sociologia.